



A DÁDIVA DO OLHAR¹

THE GIFT OF GAZE

Resumo

O olhar, seja em sua interpretação simbólica ou literal, é um indicador crucial de atenção, intercâmbio afetivo e aceitação. A recusa desse olhar sugere distância e exclusão. Este ensaio argumenta que pesquisadores que ignoram perspectivas não-eurocentradas comprometem a compreensão e excluem a diversidade, essencial para o campo científico em um país marcado por assimetrias culturais. A partir das categorias de experiências etnográficas, observadas ao caminhar pela cidade, propõe-se que adotar a Dádiva do Olhar, combinada com uma abordagem decolonial, possibilita a identificação do outro por meio de interações acadêmicas, promovendo a igualdade na troca de conhecimentos.

Palavras-chave: Dádiva; Decolonialidade; Diversidade; Dádiva do Olhar.

Abstract

The gaze, whether in its symbolic or literal interpretation, is a crucial indicator of attention, emotional exchange, and acceptance. The refusal of this gaze suggests distance and exclusion. This essay argues that researchers who overlook non-eurocentric perspectives compromise understanding and exclude diversity, essential for the scientific field in a country marked by false cultural singularities. Based on the categories of ethnographic experiences observed while walking around the city, it is proposed that adopting The Gift of Gaze, combined with a decolonial approach, enables the identification of the other through academic interactions, promoting equality in the exchange of knowledge.

Keywords: The Gift; Decoloniality; Diversity; The Gift of Gaze.

* Mateus Camilo dos Santos

Recebido em: 30/01/2024

Aceito em: 30/07/2024

1. Introdução

I.

Curitiba, segunda semana de fevereiro de 2023. Eram 08 horas da manhã em um ônibus lotado, eu já estava atrasado. O trajeto é o mesmo todos os dias, da minha casa até o terminal do Portão, lá eu pego a linha Pinheirinho/Cabral, que faz todo o percurso mais longo até chegar em um tubo a poucas quadras do meu destino, a Universidade Federal do Paraná. Esta é a minha rotina com o transporte público curitibano.

A rota do meu ônibus passa pela Avenida Presidente Getúlio Vargas, uma grande via que corta o bairro Água Verde por completo. O alto padrão econômico para morar nesse bairro é um delimitador de quem pode aproveitar uma manhã ensolarada para passear nas largas calçadas que essa região nobre de Curitiba dispõe. E da janela do 'busão', eu pude bisbilhotar um pouco.

Primeiramente, é notável a quantidade de homens brancos que andam por aquelas ruas de manhã. As roupas são leves e desprentensiosas. Não carregam nada em suas mãos, bolsos ou costas. As mulheres brancas aparecem em menor número, mas geralmente, estão vestidas com conjuntos costurados para atividades físicas, o que demonstra uma maior atenção às suas roupas. Algumas dessas pessoas andavam de bicicleta. A faixa etária desses dois grupos mencionados é distribuída entre adultos e idosos; 35 anos para cima. Mas cadê os jovens?

Em todos os dias em que passo por aquela avenida, notei pouca presença de pessoas com menos de 35 anos. Mas, notadamente, vi um jovem negro em uma bicicleta. Foi um estranhamento ver um negro andando naquelas ruas, ainda mais andando de bicicleta. Essa era uma ação que eu só conectava com as pessoas brancas que estavam fazendo alguma atividade física; mas logo caiu a ficha. A mochila nas suas costas entregou que ele não pertencia àquele bairro. Seu trajeto por ali passava, assim como o meu. Nada mais do que uma escolha pela necessidade. Ele precisava chegar em algum destino.

Em Curitiba, uma das capitais brasileiras com o menor percentual negro em sua população², é fácil de se estranhar andando pelas ruas³. Caminhando pelo Centro Cívico, um bairro criado para concentrar os prédios do executivo, legislativo e judiciário paranaense, é perceptível a grande quantidade de pessoas brancas com vestidos finos ou ternos. Mas eu era um negro com um destino, estava ali pela necessidade, era o meu trajeto para pegar o ônibus.

Era o horário de almoço, eu estava andando por uma pequena ciclovia do bairro citado, diversas pessoas bem trajadas caminhavam de encontro a minha direção. De longe eu percebia pequenos olhares. Seus olhos rapidamente se viraram para outras direções, enquanto estavam os peitos para passar pelo negro inesperado que cruzava o seu caminho. Em nenhum outro momento olharam de volta para mim. Havia me tornado invisível no milésimo de segundo seguinte em que me avistaram.

Seguindo em frente, naquela mesma ciclovia, avistei um catador de material reciclável. Parecia cansado, muito exausto por puxar aquele carrinho cheio em um dia que ainda estava longe de terminar. Eu me senti desconfortável com aquela cena. E então, meu olhar não caiu mais sobre o trabalhador. Chegando mais perto, um pensamento de pelo menos cumprimentar ele com um aceno, mas não consegui. Eu tive medo de ser olhado de volta.

Olhares são negados. Para quem nós os negamos? É uma inferiorização do outro? É um distanciamento construído a partir do olhar? Este trabalho parte dessas questões bases para entendermos a presença negra em pesquisas acadêmicas e a sua marginalização nas produções científicas.

¹ Agradeço ao professor doutor Marcos Silva da Silveira, da Universidade Federal do Paraná, que por meio da disciplina de Diversidade e Cultura Brasileira possibilitou a reflexão e a escrita deste ensaio. Agradeço também aos pareceristas que pelos seus comentários me ajudaram a amadurecer as questões dispostas neste trabalho

² IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo Brasileiro de 2022. Variação da população por cor ou raça segundo as Grandes Regiões e as Unidades da Federação – Brasil (2010-2022). Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <<https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/>>. Acesso em: 30 jan. 2024.

³ Sendo negro.

II.

Assim como Ingold (2015, p. 285), a discussão presente neste ensaio não pretende alcançar respostas finais às perguntas elaboradas, mas, sim, analisar a questão a partir de uma articulação entre compreensões antropológicas atuais e antigas. Para isso, utilizo três obras diferentes para abordar a temática elencada. A primeira retrata as relações de troca a partir do conceito de Dádiva, de Marcel Mauss (2017), a segunda esclarece as mudanças sociais derivadas do movimento Iluminista, de Otávio Velho (2007) e a terceira apresenta uma visão sobre a alteridade no contexto brasileiro de produção da Antropologia, de Luena Pereira (2020).

A descrição deste ensaio também conversa com as duas categorias de experiências etnográficas, especificadas por José Magnani (2009): experiências etnográficas de primeira impressão e experiências reveladoras. A primeira representa o estranhamento do primeiro contato com o campo de pesquisa, que vai ficando para trás conforme se acostuma ao cotidiano da vivência, enquanto que a segunda retrata um momento de realização da sensação presenciada, não mais percebida de forma racional, mas através da experiência vivida, que pode ocorrer ao longo do trabalho de campo (p. 149-150).

Em dois movimentos da minha descrição é explícito os momentos que vivenciei as experiências reveladoras: a primeira foi ao avistar o jovem negro andando de bicicleta nas calçadas do bairro Água Verde, contribuindo para o meu questionamento de quem utiliza aquelas vias diariamente, e, a segunda foi ao ter medo de ser olhado de volta pelo catador de material reciclável, propiciando uma reflexão interna sobre o meu próprio olhar. Ambas experiências reveladoras, que me possibilitaram uma compreensão mais ampla das minhas primeiras impressões que já haviam sido esquecidas pelo tempo, que se acarretaram neste ensaio.

2. Dádiva do olhar

Marcel Mauss (2017), em sua obra *Ensaio Sobre a Dádiva*, escreve sobre a necessidade da troca, não por indivíduos, mas por “coletividades que se obrigam mutuamente”⁴. Essa afirmação é possível pois não são trocas regidas por uma questão somente econômica entre os grupos, mas que também está presente uma relação de moral nas interações de ambos⁵. Além de trocas materiais, ou bens úteis economicamente, há a circularidade de “instituições” de cada povo: “amabilidades, banquetes, ritos, serviços militares, mulheres, crianças, danças, festas, feiras, dos quais o mercado é apenas um dos momentos”⁶.

Nessa relação de trocas entre grupos, há a obrigatoriedade da retribuição, pois os bens doados estão conectados “à pessoa, ao clã, ao solo; são veículos de seu mana, de sua força mágica, religiosa e espiritual”⁷. A falta de retribuição leva aos espíritos e forças contidas dentro dos presentes a destruir o indivíduo que os aceitou⁸. “Um presente dado espera sempre um presente de volta”⁹.

Com isso, o bem cria uma alma, uma essência espiritual com as forças vinculadas ao seu portador e território original. Ela anseia voltar para seu “lar de origem” ou “produzir, para o clã e o solo do qual surgiu, um equivalente que a substitua”¹⁰. Doar algo para alguém seria entregar uma parte de si para essa pessoa; e aceitar essa doação é aceitar a sua essência espiritual, sua alma¹¹.

Ao fim, a dádiva, essa relação de dar e receber que forma um contrato de retribuição, configura um criar e manter conexões:

Trata-se, no fundo, de misturas. Misturam-se as almas nas coisas, misturam-se as coisas nas almas. Misturam-se as vidas, e assim as pessoas e as coisas misturadas saem cada qual de sua esfera e se misturam: o que é precisamente o contrato e a troca¹¹.

Portanto, a dádiva é entregar algo espontaneamente à alguém. Não há maneira de se recusar essa doação nem de negar uma retribuição. Mas como posso chegar na Dádiva do Olhar?

⁴ MAUSS. M. Ensaio sobre a dádiva - forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In. MAUSS. M. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Ubu Editora, 2017, p.9.

⁵ Ibidem, p.7

⁶ Ibidem, p.8

⁷ Ibidem, p.14

⁸ Ibid., p. 5, apud Cassel, 1918,

⁹ Ibid., p. 16, apud Best, 1909, p. 449; Ibid., p. 17

¹⁰ Ibidem, p.16

¹¹ Ibidem, p.25

Uma troca de olhares é percebida de diversas formas e tem diversas interpretações dependendo da experiência de vida de cada pesquisador, conforme aponta Geertz em seu trabalho etnográfico sobre a antropologia interpretativa. (2008, p. 5). Portanto, percebendo que o contato olho a olho se torna uma janela de conexão importante entre duas ou mais pessoas, a sua não conexão também é significativa. Há aqueles que não entregam olhares para não compartilhar um pouco de si com aqueles que não desejam, ou seja, os “outros”, definidos pela alteridade antropológica.

O que proponho é a percepção social de para quem cada olhar é lançado ou se ele não é lançado: a noção de quem recebe a dádiva; de quem a doa; e de quem é excluído das relações sociais de trocas e de contrato de retribuição, gerando a sua exclusão social naquele ambiente. Tal compreensão da exclusão pela Dádiva do Olhar continua na prática de negligenciar a compreensão de estudos acadêmicos produzidos por essa parcela de pesquisadores indesejáveis, onde ser mulher, negro, pobre, morador da periferia ou da comunidade LGBTQIA+ é ser tendencioso.

3. A não tendência do branco

O iluminismo marca a individualização da pessoa pela separação entre corpo e mente, tradição e razão etc. Contudo, o conceito de nação deve coexistir para agrupar todas as pessoas dentro de uma mesma unidade, formando uma aceitação da diversidade e que celebram essa mistura, mas só quando necessário¹².

Segundo Luena Pereira (2023), a antropóloga brasileira Mariza Peirano (ANO) argumenta que a antropologia brasileira é a antropologia com o foco no Brasil e que a alteridade seria seu fator fundante, sendo esta dividida em algumas partes a partir de cada diversidade dentro da nação brasileira:

1. alteridade radical, que corresponderia à etnologia indígena; 2. alteridade amenizada, que corresponderia a grosso modo aos estudos de campesinato e aos estudos de contato interétnico; 3. a alteridade próxima, que seriam os estudos realizados em meio urbano; e finalmente 4. a alteridade mínima, ou seja, a reflexão brasileira sobre a própria antropologia¹³.

Como cada realidade brasileira estaria representada por um aspecto de sua diversidade dentro do conceito geral de nação, ela configura um centro do que é o Brasil e a sua “borda”¹⁴. Essa borda, já apresentada pelos tipos de alteridades da Mariza Peirano, revela que o indígena e o negro estão distantes de um centro, de um “nós” antropológico nunca periférico, jamais negro, nem indígena e nem proletário, sua distância do branco já foi definida pela alteridade radical e a amenizada¹⁴. Um olhar de cima para baixo.

Como o negro se distancia da questão racial? Como um pobre se distancia da questão econômica? Portanto, a alteridade antropológica só seria possível para o branco brasileiro de classe média/alta e de bairro nobre, ele é o único ser social que não é tendencioso e que, por natureza, já está distante o suficiente da realidade brasileira para sua alteridade não ser questionada¹⁵. Um olhar voltado apenas para os seus.

Quando o pesquisador pertence aos “outros”, suas produções são bombardeadas de dúvidas e de deslegitimação por sua proximidade com as pautas estudadas¹⁵. Os autores com sua visão embaçada pelo colonialismo “têm dificuldades em sair desse eurocentrismo, de enxergar possibilidade de uma conversa entre culturas e de aceitação da produção acadêmica feita entre os nossos próximos, tornando a diversidade estruturante”¹⁶. A tendência do pesquisador branco é de aceitar somente quem lhe é parecido ou de quem se aproxima de seu universo eurocentrado. Sendo assim imposta uma negação do olhar.

A Dádiva do Olhar está presente em cada aspecto da participação da pessoa mulher, negra, trabalhadora, moradora de periferia ou LGBTQIA+ no ambiente acadêmico e fora dele. A Dádiva do Olhar por consequência também está presente na sua negação, na sua relutante retribuição quando olhados pelos “outros”.

Através da Dádiva do Olhar é possível de se encontrar a busca constante, pautada pelo colonialismo, de ter um olhar fugaz para questões que admirem a participação dos “outros”,

¹² VELHO, O. A Cata das Cotas. Insight Inteligência, Rio de Janeiro, v. X, p. 124-134, 2007, p.127

¹³ PEREIRA, L. N. N. Alteridade e raça entre África e Brasil: branquidade e descentramentos nas ciências sociais brasileiras. Revista de Antropologia, [S. l.], v. 63, n. 2, 2020. DOI: <https://doi.org/10.11606/2179-0892.ra.2020.170727>. Acesso em: 6 fev. 2023, p.7

¹⁴ (Ibidem, p. 8)

¹⁵ (Ibidem, p. 9)

¹⁶ VELHO, O. A Cata das Cotas. Insight Inteligência, Rio de Janeiro, v. X, p. 124-134, 2007, p.132

definidos assim pela alteridade antropológica, nos mais diversos campos da vida social.

¹⁷ Não nos termos de algo bagunçado ou confuso, mas envolto numa organização dos movimentos sociais em prol de serem escutados.

¹⁸ VELHO, O. A Cata das Cotas. Insight Inteligência, Rio de Janeiro, v. X, p. 124-134, 2007, p.132

A decolonialidade é a revolta¹⁷ dos “outros”. Assim, estes, ao produzirem estudos repletos de forças e de vínculos com as suas tradições e modos de existir específico, utilizando da troca de olhares expressos na escrita com pensadores clássicos e contemporâneos, propiciam que estudos externos ao deles possuam olhares decoloniais voltados a eles próprios. É o olhar de igualdade para aqueles que não eram escutados no eurocentrismo. E, como diria Velho, “talvez assim nos surpreendamos ao reconhecer a qualidade dessa produção e a sua maior capacidade, muitas vezes, de pôr em xeque o eurocentrismo”¹⁸. É se permitir aprender através da diversidade sem que a restrinjam ou tentem “encaixá-la em modelos e categorias dados de antemão”¹⁷. Assim, aceitando a fluidez que cada cultura apresenta como seu poder de transfiguração da academia eurocentrada, a Dádiva do Olhar permite a compreensão de um contrato de retribuição, onde todos os olhares recebem de volta um outro olhar; uma Dádiva de todos para todos.

4. Considerações finais

O olhar, em seu sentido figurado ou literal, pode denotar a atenção que damos ou que desejamos; uma proposta de troca de afetos e de reconhecimento, procurando estabelecer um contrato de retribuição. A negação desse olhar também pode denotar o afastamento, a abnegação do outro e a sua exclusão. Com isso, a Dádiva do Olhar se debruça sobre o amplo aspecto do olhar, em uma interpretação das relações construídas a partir dele e de suas implicações na vida acadêmica ou fora dela.

Ao utilizar o conceito de Dádiva de Mauss (2017), argumento que as relações de trocas contemporâneas, baseadas no contexto histórico-político brasileiro de escravização, do patriarcado e do capitalismo, influenciam na não-construção de um contrato de retribuição com estes outros fragilizados que formam a “base” do país.

Geertz (2008) possibilita o entendimento de que uma piscada pode ter diferentes interpretações a partir de quem a observa: aqueles “de dentro” das relações sociais que estabeleceram algum sentido à piscada e aqueles “de fora” desse contexto estabelecido. Assim, uma separação entre quem é incluído e quem não é incluído é criado, podendo ser articulado, junto com a Dádiva de Mauss, na compreensão de uma Dádiva do Olhar que percebe quem está dentro da relação estabelecida através de olhares trocados e aceitos, ou olhares negados e abnegados.

No meio acadêmico, pesquisadores que negam o olhar, negam a compreensão de escritas que fogem de um eurocentrismo. Assim, excluem a diversidade como papel fundamental para o aprimoramento científico de um país estabelecido em assimetrias culturais.

A proposta de Dádiva do Olhar, junto com a decolonialidade, pode permitir a identificação do outro a partir da relação de troca na acadêmica ou na vida social, podendo contribuir com a obtenção de uma análise crítica nas interações estabelecidas em diferentes espaços por diferentes atores sociais. Assim, a cada interação analisada, a busca pela igualdade ou equidade é fundamentada ao se estabelecer um contrato de retribuição entre as partes.

Notas

*Graduando em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Email: ma-teuscamillo@ufpr.br.

Referências

GEERTZ, C. Uma Descrição Densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In. GEERTZ, C. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008. p. 3-21.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Brasileiro de 2022**. Variação da população por cor ou raça segundo as Grandes Regiões e as Unidades da Federação - Brasil (2010-2022). Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <<https://censo2022>>.

ibge.gov.br/panorama/>. Acesso em: 30 jan. 2024.

INGOLD, T. Modos de Caminhada Mental: Leitura, escrita, pintura. In. INGOLD, Tim. **Estar Vivo**. Petrópolis: Editora Vozes, 2015, p. 283-300.

MAGNANI, J. G.. Etnografia como prática e experiência. **Hori. antrop.**, Porto Alegre, v. 15, n. 32, p. 129-156, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-71832009000200006>.

MAUSS. M. Ensaio sobre a dádiva - forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In. MAUSS. M. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

PEREIRA, L. N. N. Alteridade e raça entre África e Brasil: branquidade e descentramentos nas ciências sociais brasileiras. **Revista de Antropologia**, [S. l.], v. 63, n. 2, p. e170727, 2020. DOI: <https://doi.org/10.11606/2179-0892.ra.2020.170727>. Acesso em: 6 fev. 2023.

VELHO, O. A Cata das Cotas. **Insight Inteligência**, Rio de Janeiro, v. X, p. 124-134, 2007.